

## DEPOIMENTO

Laura Stocco Felicio<sup>1</sup>

**E**u conheci a Ana em 2016. Fazia dois anos que eu havia ingressado no curso de História e tinha acabado de sair de um estágio num centro de memória. Minha intenção era explorar melhor a vida acadêmica e me dedicar a uma iniciação científica, mas logo surgiu uma oportunidade para trabalhar no acervo do CPEU (Centro de Pesquisa e Estudos Urbanísticos) na FAU-USP, com bolsa CNPq. Era a iniciativa de uma professora, um projeto sem muitos recursos (como sempre são) e que pretendia dar conta de organizar documentos sobre os planos diretores de cidades do Estado de São Paulo. A documentação era fascinante: mapas, plantas, formulários socioeconômicos, muita coisa dos anos 1960 que também documentava a relação da universidade com o regime da

---

<sup>1</sup> Mestre (2023) em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e bacharela em História pela mesma instituição (2018). É analista de documentação no Centro de Memória da FAPESP, tendo atuado também no Instituto Wesley Duke Lee por meio da Grifo Projetos Histórico e Editoriais. Dedicar-se ao estudo do cotidiano, das práticas alimentares e da materialidade nas casas paulistas. Foi pesquisadora associada ao Museu Paulista - USP para a exposição Casas e Coisas (2022).



ditadura. Eu me sentia despreparada para lidar com os documentos, por isso pesquisei alguns cursos e descobri que a Ana dava aulas de introdução à arquivologia no Departamento de História. Ingressei na disciplina no semestre seguinte.

A sala de aula ficava lotada, o curso ultrapassava 100 alunos: graduandos bastante jovens; pesquisadores aflitos para entender os arquivos que estavam frequentando; profissionais já atuantes na área e que ansiavam por alguma formação; e curiosos, alguns malucos. A Ana aceitava todo mundo. Apesar da dificuldade de lidar com tanta gente, ela insistia em manter sempre a dinâmica de aula, que se baseava em lidar com os documentos na prática, tocá-los e analisá-los minuciosamente. Em rodas de conversa, nós aprendemos como montar um plano de classificação decente. E a Ana fazia questão de mostrar os exemplos de planos que achava metodologicamente incorretos. Foram nessas aulas que meus olhos brilharam pelos documentos de arquivos pessoais, aqueles que ela reunia em sua casa e insistia em dizer que comprava para fins didáticos. Ela amava os exemplos excepcionais, nunca vou me esquecer de um deles, que era escrito por uma moça, meio currículo, meio diário... onde ela tinha arrumado aquilo? Só a Ana mesmo...

Um dia, depois da aula, tomei coragem e fui falar com ela, contei que estava trabalhando na FAU e queria montar o plano de classificação dos documentos de lá. Ela prontamente me disse que gostaria de conhecer o acervo e me ajudar. No dia marcado para a reunião, a Ana estava lá, com a sua bolsinha da Associação de Arquivistas de São Paulo, algumas das muitas lupas que ela tinha, um caderninho daqueles que se vê vendendo em livraria, e um lápis 6B. Ela me ensinou que documento só se marca com lápis 6B. Ao longo das nossas conversas, que duraram alguns meses, eu me surpreendi - e por muito tempo fiquei intrigada - pelo fato de que uma professora da USP estava sendo tão acessível. Ela me tratava de igual para igual, era como uma amiga, o que de fato passamos a ser.

Fiz um intercâmbio, e quando voltei, a procurei. Contei sobre Portugal e a disciplina de paleografia que cursei lá. Interessada, ela me convidou para ser monitora em Introdução à Arquivologia, porque precisava de alguém que a ajudasse com tanta gente e tantas cópias de documentos. Ela era uma das poucas professoras que tinha



disposição para oferecer uma disciplina de graduação às sextas-feiras à noite, quando os alunos só apareciam na universidade para frequentar as festas no Vão da História e Geografia. Mas eles vinham, e por mais um semestre, uma centena deles. Os mesmos tipos: graduandos, pesquisadores, e profissionais aflitos, curiosos. Frequentar a disciplina novamente me ajudou a consolidar muitos conceitos. Também pude ver que, como fez comigo, a Ana assistia os alunos que estavam embrenhados em acervos problemáticos, era generosa com eles.

Lá pela metade do curso, a Ana sugeriu que eu ministrasse uma aula sobre paleografia. Me contou que sempre pedia à professora Sonia Troitiño, mas naquele ano, eu o faria. Eu reagi espantada: “Eu?! Mas Ana, não posso! Ainda sou graduanda, a universidade não permite, e não tenho conhecimento suficiente”. Ela me contou que, quando começou a dar aulas na USP, depois da aposentadoria compulsória da professora Emília Viotti, se sentia igualmente despreparada, mas lá estava ela, décadas depois. Eu ministrei a aula, ela gostou e disse que eu deveria ser professora universitária. Quem sabe um dia? A Ana colocava fé em muita gente, gente jovem como eu. Depois desse episódio, cenas muito parecidas se repetiram. Uma vez, ela me indicou para uma consultoria e insistiu que eu tinha conhecimento suficiente para realizar o trabalho. Duvidei novamente. Ela disse: “Eu te indiquei, vá lá! Se você não souber, faça parecer que sabe!”. Lembro das palavras dela sempre que tenho receio de começar algo novo.

Em 2019, eu ingressei no mestrado em História Social e escolhi como orientadora outra professora. Talvez ela tenha se sentido contrariada, mas nunca conversamos sobre isso. De toda maneira, ela abriu as portas da sua casa para que eu consultasse os documentos que acabaram sendo essenciais para a minha pesquisa. Ainda encantada pelos arquivos pessoais, eu estudei a introdução e o uso dos eletrodomésticos em São Paulo na primeira metade do século XX, e a Ana tinha dezenas de pequenos manuais de instrução desses aparelhos, todos comprados em leilões e feirinhas de antiguidade. Quando entrei na casa dela pela primeira vez, sentia tanta empolgação! Como alguém podia viver em meio a tantos livros e documentos? Ela podia. Essa era a vida dela, a profissão e a paixão pela História e pela Literatura tomavam conta de tudo.



As idas ao apartamento nos deixaram ainda mais próximas. Aos sábados, eu a visitava e almoçávamos a comida deliciosa da Alice (com pimenta, que para ela não podia faltar), conversávamos sobre pesquisa, arquivos, nossas vidas, e trocávamos livros e fofocas. Ela me contava dos planos que tinha para os “documentos do homem comum”, de como podia montar um grande laboratório na universidade para trabalhar com eles. Como a dificuldade em enxergar estava cada vez pior nos últimos anos, eu sempre a ajudava com o computador e o celular nessas ocasiões: “Você deveria trabalhar na Nasa!” dizia.

Nessa mesma época, passamos a trabalhar juntas no Instituto Wesley Duke Lee (por indicação dela, como sempre) através da Grifo. Ela queria avançar na metodologia que tinha começado a desenvolver para arquivos de artistas, uma relação orgânica entre documento e obra que considerava todos os tipos documentais, formas, gêneros e suportes. Ali, o arquivo, a biblioteca e os artefatos do Wesley estavam reunidos, era o acervo perfeito. Por um pouco mais de um ano, pude conviver com a persistência da Ana em trabalhar da forma mais rigorosa possível, respaldada nos conceitos, mas sem se prender a eles. Ela queria que aquilo fosse algo grande e queria finalmente colocar em prática uma perspectiva metodológica que reunia muito do que ela havia trabalhado ao longo da vida.

O Centro de Memória da FAPESP foi o último projeto que eu trabalhei com a Ana. Alguns anos depois, e toda semana, ela vinha com a bolsinha, as lupas - agora eletrônicas -, o caderno, e o lápis 6B (ou qualquer outra caneta pela qual ela havia acabado de se apaixonar numa livraria). Ah, e a bala Valda, como esquecer? Sigo trabalhando e frequentemente me pego querendo mostrar alguns documentos para ela.

Muito do que aprendi devo à Ana. À sua generosidade e amizade, serei sempre grata.

---

#### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **OFFICINA: Revista da Associação de Arquivistas de São Paulo** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International.

